

**FERRARI, Matteo. *A Oração Eucarística – uma “obra” reaberta pelo Concílio*. Brasília: Edições CNBB. 2022. Coleção Vida e Liturgia da Igreja v. 7. 21 x 14 cm. 141 p. ISBN: 978-65-86151-02-2**

O presente livro é parte integrante da coleção vida e liturgia da Igreja elaborado pela CNBB e tem por objetivo oferecer ao leitor do Brasil a possibilidade de acesso a obras de teologia litúrgica produzidas em outros países e, assim, buscarmos o crescimento no amor e no conhecimento mais aprimorado da Sagrada Liturgia. O texto em questão é uma produção de 2014 do especialista em liturgia e teologia bíblica, padre Matteo Ferrari, que chega até as nossas mãos. O autor (A.) se propõe a refletir sobre a Oração Eucarística em todos os seus elementos bíblicos, teológicos, eclesiológicos e litúrgicos, para que ela (Oração Eucarística) cumpra a verdadeira função de ser oração autenticamente cristã.

Andrea Grillo, renomado liturgista, nos faz a apresentação da obra e nos diz que: “A leitura deste livro poderá ser, assim, não somente um ato de fidelidade à esperança eclesial, mas também um ato de resistência ao desespero nostálgico e à presunção anticonciliar” (p.12). A obra está dividida em quatro capítulos com as devidas subdivisões em cada um deles.

No primeiro capítulo, o A. nos apresenta, como título: redescobrir a Oração Eucarística há cinquenta anos do Concílio. Como dito acima, essa produção foi do ano de 2014 bem dentro do contexto da celebração de 50 anos da Constituição *Sacrossanctum Concilium* (SC), para nós no Brasil, ela já chega às vésperas da comemoração dos 60 anos. Este capítulo é dividido em três partes. Inicialmente, o A. faz um balanço dos acontecimentos significativos que o evento conciliar trouxe consigo. “Esse olhar grato e livre, consciente do passado e aberto ao futuro, é a condição para uma autêntica fidelidade ao espírito do Concílio” (p.15). O A. se propõe a aplicar esse espírito de fidelidade ao Concílio especialmente na justa compreensão da Oração Eucarística.

Ferrari desenvolve o pensamento que tanto a SC como a Constituição sobre a Divina Revelação *Dei Verbum* (DV), apresentam a preocupação de uma recuperação da centralidade da Sagrada Escritura na vida da Igreja. "As divinas Escrituras sempre foram veneradas como o próprio corpo do Senhor pela Igreja" (DV n.21). Nessa mesma linha vai à afirmação da Instrução Geral do Missal Romano (IGMR) que diz: "Na missa se prepara tanto a mesa da Palavra de Deus como a do Corpo de Cristo" (IGMR n. 28). Palavra e Eucaristia constituem, pois, uma unidade de culto (SC n. 46 e IGMR n. 28). É de suma importância essa insistência do Concílio, das duas mesas (Palavra e Eucaristia), da unidade do culto, pois por muito tempo, em virtude da incompreensão do latim, a parte inicial da celebração – liturgia da Palavra, tinha se tornado marginal.

O contato, o conhecimento das Sagradas Escrituras segundo o A., deu um salto de qualidade por parte dos católicos, não somente na Celebração da Eucaristia, mas na Palavra presente em todas as celebrações dos demais sacramentos e sacramentais. "A Palavra na Liturgia, mais que um instrumento de catequese e de formação, é um evento no qual se deve entrar e no qual se deve participar" (p.19). Ferrari, nos instiga dizendo que se sentimos os avanços de crescimento na participação mais plena dos fiéis na Liturgia da Palavra, infelizmente, já não podemos dizer o mesmo sobre a Oração Eucarística. "Sendo ela, o ápice de toda a celebração (IGMR n. 30), devemos constatar que esse elemento é muito negligenciado, seja do ponto de vista celebrativo, seja daquele espiritual" (p. 19). Com tristeza constata o A. que não nos distanciamos muito da situação pré-conciliar, onde a "grande importância era dada unicamente às palavras da Instituição, isto é, à 'consagração', sem compreender a importância e o sentido da Oração Eucarística em toda a sua complexidade" (p.19).

O A. na sua pesquisa nos traz um dado de suma importância onde apresenta um choque de ideias. Enquanto a SC (n. 48) diz: "A Igreja deseja, e busca com solicitude, que os fiéis cristãos não estejam presentes como estranhos ou mudos expectadores...". A IGMR (n. 78) nos diz: "A Oração Eucarística exige que todos a ouçam respeitosamente e em silêncio". O A. não se propõe somente a levantar problemas, "mas lançar as bases de uma reflexão que se possa recuperar, a partir da experiência dos últimos anos, o valor teológico, litúrgico e espiritual da Oração Eucarística" (p. 28).

Nessa segunda parte, ainda do primeiro capítulo, Ferrari nos diz que para superar o conflito apontado acima entre SC e IGMR devemos percorrer o caminho das fontes bíblicas, patrísticas e litúrgicas e, então, compreenderemos o valor da Oração Eucarística na Celebração. No tocante aos elementos bíblicos, o A. se fundamenta em Paulo, para o qual "a Última Ceia de Jesus é a referência imprescindível para compreender a Celebração nas comunidades cristãs" (p. 33). Na Última Ceia e, portanto, também na Oração Eucarística, encontramos três partes coligadas: "Paulo parte da vida da comunidade e, em particular, do modo de celebrar a Ceia em Corinto; passa a narrar a instituição da Eucaristia na Última Ceia de Jesus; para depois retornar à vida da comunidade e aos problemas das assembleias dos destinatários de suas cartas" (p.32). Em síntese, para compreender o valor teológico e litúrgico da Oração Eucarística, é necessário

retornar, como Paulo, à Ceia do Senhor, como os textos do Novo Testamento a transmitiram para nós.

Ao pensarmos nos testemunhos Patrísticos, sem dúvida, Justino é o mais importante. "A descrição que ele faz da Celebração Eucarística é muito detalhada e podemos reconhecer elementos que, também hoje, constituem o Rito da Eucaristia" (p. 34). Também para Justino a Celebração da Eucaristia nos reenvia como em Paulo, para a Última Ceia de Jesus como lugar ao qual recorrer para descobrir o seu sentido teológico e litúrgico. O A. cita também Cipriano que, na linha dos Santos Padres, nos diz: "A Eucaristia da Igreja é autêntica quando é imitação daquilo que fez o Senhor" (p.36).

Quanto aos textos litúrgicos, "a Celebração da Igreja é compreendida como dependente da Última Ceia de Jesus, da qual se fez a pouco a narração: nós fazemos isso, porque o Senhor Jesus cumpriu esses gestos e pronunciou essas palavras na Ceia com seus discípulos, mandando que elas fossem repetidas em sua memória. A Ceia do Senhor é o fundamento teológico e ritual da verdade daquilo que a Igreja cumpre" (p. 39). O A. faz referência a *Anáfora de Addai e Mari* que tem a particularidade de não conter na sua forma original, a narrativa da instituição da Eucaristia. "Nesse texto se fala da transmissão de um "tipo" (modelo) que vem de Deus ("de ti"). A Celebração da Igreja se funda, então, na fidelidade a um modelo que Deus entregou aos fiéis para que o repetissem" (p.40). A Igreja continua obediente à ordem do seu Senhor: "Fazei isto em memória de mim".

Concluindo a terceira parte do primeiro capítulo intitulado "Fazei isto em memória de mim", o A. nos diz que: "somente tomando consciência dessa passagem, é possível aprofundar também o conteúdo teológico dos textos litúrgicos, tendo como ponto de referência fundamental a Ceia do Senhor com os seus discípulos na noite antes da sua Paixão. Nessa perspectiva, reencontram sentido todos os elementos da Oração Eucarística" (p.56). Ferrari, faz todo um caminho histórico, no qual parte de uma hermenêutica bíblica, interrogando os testemunhos neotestamentários e textos da Tradição litúrgica, sobretudo a *Didaqué* sobre a Última Ceia, para compreender o que eles dizem em relação à Oração Eucarística. "Trata-se de uma aquisição fundamental para encontrar o valor teológico-litúrgico da Oração Eucarística, se se quer sair da definição insuficiente que a IGMR nos propõe" (p. 55).

No segundo capítulo do corrente escrito, intitulado: Os elementos da Oração Eucarística, o A. desenvolve todas as partes da Anáfora, buscando, por primeiro, a referência a partir do que diz a IGMR e, interpretando à luz da Patrística e de estudos atuais da teologia litúrgica e sacramental, o sentido mistagógico e celebrativo.

A ação de graças da Oração Eucarística se manifesta, explicitamente, por meio do Prefácio. Diz o A. que necessitamos, "urgentemente", descobrir o valor desta parte que é muito pouco valorizada do ponto de vista teológico, ritual e espiritual. "Redescobrir o Prefácio como momento em que a Igreja obedece à ordem do seu Senhor "Fazei isto em memória de mim", dando graças como Ele deu graças, significa, para toda a assembleia, tomar consciência do tipo de

participação que esse ponto da Celebração requer. É fundamental, então, que toda a assembleia, a começar por quem preside e pronuncia ou canta as palavras do Prefácio, esteja presente a essa realização de ação de graças” (p.63). Nesse sentido, tudo deve ser feito em clima de oração e não de forma mecânica, rendendo graças ao Mistério específico que se celebra de acordo com o tempo litúrgico, solenidade, festa ou memória.

Diferente do Prefácio que é recitado, unicamente, por quem preside, a aclamação *Sanctus* manifesta a participação de todos ao único ato de culto que consiste em cumprir a ação de graças ao Pai. Segundo Ferrari, “o sentido do *Sanctus* na Oração Eucarística está ligado ao Prefácio” (p. 65). Por ser participação de todos, aconselha-se a execução de melodias que possibilitem o canto de toda assembleia.

Sobre a invocação do Espírito Santo - *Epiclese*, nos diz o A. que é importante deixar claro que a atual divisão que nós temos hoje, em dois momentos, deve-se mais a uma escolha “pastoral” da Reforma Litúrgica, pois não as podemos compreender separadamente. “O Espírito é invocado seja sobre os dons seja sobre a assembleia, mas, na realidade, não se trata de duas invocações separadas e separáveis. A transformação dos dons, de fato, não tem seu fim em si mesma, mas é em vista da transformação da assembleia, daqueles que participarão do Pão e do Cálice, no Corpo de Cristo” (p. 69).

O A. traz uma reflexão muito pertinente quando nos diz que o parágrafo intitulado pela IGMR é a narrativa da instituição e consagração. “De fato, é dito que ele é, ao mesmo tempo, narrativa da instituição e consagração. Se, porém, observamos o texto das Orações Eucarísticas do Missal Romano, podemos imediatamente notar que do ponto de vista literário, se trata de uma narrativa e não de uma oração de consagração. Como conciliar esses dois aspectos?” (p.73). Ferrari desenvolve o pensamento, fazendo-nos obter uma resposta para tal questão, superando a visão piedosa de muitos que olham somente para esse momento da Oração Eucarística.

A *Anamnese* e a Oblação indicadas pela IGMR podem ser tratadas juntas já que entre elas existe uma intrínseca ligação. “No texto da IGMR, esse aspecto aparece muito claramente quando se especifica: ‘realizando esta memória’. Essa oblação tem duas referências fundamentais: por um lado, ‘a vítima imaculada’, isto é, Cristo, e, por outro, os fiéis, isto é, a assembleia celebrante. As duas realidades não são separáveis entre elas. De fato, a comunhão com a oblação de si mesma realizada por Cristo na Cruz é o fundamento da oferta de si à qual todos os discípulos são chamados” (p. 80)

As intercessões não devem, segundo o A., serem vistas como uma duplicação da Oração Universal dos Fiéis. “Nas intercessões, é explicitado e invocado o fruto da Celebração Eucarística que é a unidade e a comunhão” (p. 82). Comunhão e unidade não somente com a Igreja militante que caminha pelas estradas da vida, cumprindo a sua missão, mas, também, com a Igreja Triunfante, ou seja, com todos aqueles que nos precederam, testemunhando com sua vida a fidelidade ao Evangelho.

Por fim, a doxologia, a qual “Trata-se de um texto que pode tornar-se modelo de toda oração cristã: dirigida ao Pai, por-com-em Cristo no Espírito Santo. São os elementos que encontramos ao longo de toda a Oração Eucarística: a ação de graças ao Pai, com as palavras entregues por Jesus Cristo, invocando o dom do Espírito Santo sobre os dons e sobre toda a assembleia, para que receba os frutos da redenção. Por esse motivo, a doxologia final se torna modelo da glorificação de Deus e resume em si à lógica de toda a Anáfora” (p.84).

Finalmente, “no Amém, a assembleia se reconhece sujeito da Oração Eucarística e realiza sua profissão de fé no fruto da salvação que a Eucaristia faz florescer na sua vida” (p. 85). Tendo feito esse caminho de aprofundamento de cada uma das partes da Prece Eucarística, deve ficar claro para nós que o que converte, transformando Pão e Vinho em Corpo e Sangue do Senhor, é o “Todo” da Oração Eucarística e não somente o momento da Narrativa da Instituição ou Consagração como fora dito acima.

No terceiro capítulo o A. desenvolve a reflexão sobre os grandes temas da Oração Eucarística: reunião, unidade e sacrifício. No tocante aos dois primeiros enunciados, Ferrari faz um caminho de olhar para os elementos já presentes na Tradição Litúrgica, com destaque para a *Didaqué* e as *Constituições Apostólicas*. Analisa textos bíblicos tanto do Antigo como do Novo Testamento, buscando sua fundamentação, até chegar nas Orações Eucarísticas que utilizamos atualmente e destacando como esses termos perpassam a redação delas. Nos diz o A.: “do ponto de vista teológico-litúrgico, podemos afirmar que o tema da reunião/unidade não é um entre outros tantos nas Orações Eucarísticas, mas representa o fruto da participação na Eucaristia da assembleia celebrante e de toda a Igreja, da qual ela é ‘Sacramento’. Além disso, o pedido de unidade não é uma simples invocação de harmonia e de paz, mas, com base no dado bíblico, ele coincide com a salvação e a redenção” (p. 103).

Outro tema fundamental da Oração Eucarística é o do sacrifício. Temos que reconhecer que é um assunto complexo, tanto do ponto de vista bíblico como antropológico. Diante dessa complexidade o A. faz todo um caminho de estudo nos pormenores de como o tema aparece nos documentos magisteriais após o Vaticano II, com destaque para a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, Instrução Geral do Missal Romano, Instrução Geral Liturgia das Horas, *Ecclesia de Eucharistia*, *Redemptionis Sacramentum* e Missal Romano. “É preciso recuperar a perspectiva ampla ao falar da Eucaristia como sacrifício que pertence à Tradição e que, como vimos em alguns documentos do Pós-Concílio, se buscou recuperar. Celebrando a Eucaristia, a Igreja faz da sua vida um ‘sacrifício’, em comunhão com o evento do dom da vida de Cristo na cruz. No rito, isso acontece na ação de graças. Portanto, é a oração, na qual se exprime a vida da própria Igreja, que é sacrifício” (p. 117). Portanto, é de suma importância entender que, tal como se encontra hoje na IGMR, sacrifício aparece não primariamente em referência à morte de Cristo na Cruz, mas como “sacrifício de louvor”.

Por fim, no quarto capítulo o A. trata sobre o tema da espiritualidade presente na Oração Eucarística. De início, ele nos diz que muitas vezes tem-se a impressão de que ao falar de espiritualidade no campo da teologia, parece se tratar

de um assunto de menor relevância. Ele aborda o conhecido adágio "*lex orandi, lex credendi*"- Igreja celebra ou reza o que ela crê. Nessa linha, ele trabalha a Oração Eucarística como modelo e escola de oração. "A Oração Eucarística, enquanto 'centro e ápice de toda a celebração' (IGMR n. 78), é um dos lugares da Liturgia no qual é particularmente possível encontrar um modelo de oração" (p. 130). "Dela – Oração Eucarística – aprendemos a viver a nossa oração pessoal, sentindo-nos inseridos no corpo eclesial. Também a nossa oração pessoal pode se tornar lugar no qual se vive a comunhão eclesial, fugindo ao risco de uma espiritualidade intimista e centrada em nós mesmos" (p.133).

Em síntese, Padre Matteo Ferrari, presenteia-nos com esse livro que é uma preciosidade. Em uma linguagem acessível, vale a pena ser lido e estudado pelos presbíteros, estudantes de teologia e todos os cristãos leigos e leigas apaixonados pela Sagrada Liturgia. Ele nos apresentou inúmeros argumentos para tornar acessível o sonho do Concílio de incentivo à participação ativa, consciente e frutuosa de todos na Oração Eucarística. Vemos despontar incontáveis desafios que veem se acentuando cada dia mais em nossa Igreja, em vista de uma espiritualidade intimista extremamente prejudicial ao verdadeiro espírito da liturgia como vimos ao longo do livro. Por isso, o presente estudo pretende nos ajudar a redescobrir o valor teológico, ritual e espiritual dessa belíssima e profunda oração da Igreja e se apresenta para nós como uma luz em meio a tempos sombrios.

*Renato Quezini*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Presbítero da Arquidiocese de Maringá. Mestrando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), bolsista CAPES. Especialista em liturgia (UNISAL), espiritualidade cristã e orientação espiritual (FAJE) e counseling (FAV), bacharel em filosofia (IFAMA) e teologia (PUC-PR). rquezini@yahoo.com.br